

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1917), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1914, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Bohème* e os seguintes livros: *Paradas* (Odebrecht, 1919), *Paradas* (Odebrecht, 1919) e *Paradas* com José de Alencar (Odebrecht, 1919).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Teve ainda outros livros publicados, como *Paradas*, *Paradas* e *Paradas*, sendo o primeiro publicado em 1919. Após o fim da carreira pública, dedicou-se ao magistério e ao jornalismo, quando foi eleito presidente do estado. Numa época de grande efervescência política, participou ativamente da vida pública. Com a ajuda de Leonardo Melo, um dos seus amigos, conseguiu obter o cargo acadêmico, ocasião em que o nome de Justiniano José de Serpa foi inscrito na Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMARÉ

LEONARDO MELO
1919

Vence a Paz e o Direito,
Que se iluminam de luz,
Das cinzas do Proconceito
Recupera novos bens,
Trazendo a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Pátria é Glória condida.

O céu se veste de estrelas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

SIDNEY NETO

José Vicente Sidney Neto nasceu em Fortaleza no dia 16 de setembro de 1893 e faleceu na mesma cidade em 31 de dezembro de 1972, aos 78 anos de idade. Iniciou a vida como tipógrafo, foi funcionário da Rede Viação Cearense e inspetor de ensino.

Poeta, triste e solitário, segundo Raimundo Girão “o seu maior derivativo era o verso, que os fez muitos, românticos, líricos, parnasianos, produzidos um tanto ao léu, mas bem inspirados e corretos”. Juntamente com Jáder de Carvalho, Mozart Firmeza e Franklin Nascimento, publicou, em 1927, *O canto novo da raça*, obra que marca o início do modernismo no Ceará. Outras publicações (em forma de folhetos): *Poemas heróicos*, 1ª série, 1935; *Baladas, sonetos e trovas*, 1937; *Poemas indianistas do Brasil virgem*, 1940; *Sob o meigo e trágico luar de Verona*, 1940; *A caravana dos magos*, 1942; *Oração à Pátria*, 1942; *Recordação do acampamento*, 1944; *Os camponeses*, 1946; *Altar*, 1947; *Poemas heróicos*, 2ª série, 1951, *Criança, amor!*, 1956; *Paisagens brasileiras*, 1957; e *Oração da última hora*, 1959.

Era membro da Academia de Letras do Ceará e ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 10 de maio de 1951, no período da fusão das duas sociedades. Ocupou a cadeira número 1, cujo patrono é o escritor Adolfo Caminha.

MEU NOSSO CEARÁ

*Ceará,
quando você,
nos dias gloriosos que hão de vir,
chegar a ser um homem feito;
quando você souber pensar sozinho,
sem auxílio de ninguém;
quando você for mesmo todo cearense,
ó, meu Ceará, só meu e do meu povo bom
(é pena que eu já tenha morrido),
para não poder mais ouvir os eternos poemas
que os futuros poetas de todos os recantos sagrados
de você, Ceará;
tumuluosos, vibrantes,
coruscantes de astros,
começarem, bem límpido e bem alto,
a cantar, a cantar, a cantar,
até morrerem cantando!*

FONTE: GIRÃO, RAIMUNDO; MARTINS FILHO, ANTONIO. O CEARÁ. 2 ED. FORTALEZA: ED. FORTALEZA, 1945. P. 384.

A REDE

A DEMÓCRITO ROCHA

*Quando eu vi, de longe,
aquela rede muito branca
balançando docemente, balançando
lá no alpendre deserto da fazenda,
eu senti uma coisa
bem aqui dentro do coração!
O luar, lá fora ensaboava tudo:
lavava os currais, os terreiros, os caminhos,
até ninguém ver mais!...
Parecia uma noite de Natal,
de tão branca, tão branca...*

*Aproximei-me
cheguei.*

*(Estava um velho!
A longa barba, toda cheia
da espuma branca do sabão do luar)!*

- Boa noite, moço, apeie-se.
- Nisto, sutil, desci do meu cavalo ainda arfante.
- Descanse. A rede. A rede é limpa.
- Obrigado.
- Nesta rede já descansou, já dormiu um soninho,

O General Luís Carlos Prestes!

*O luar lá fora e, ao longe, iluminou mais alto!
A rede estava côncava,
estava cheia de sonho, ainda!*

Prestes, ali, sonhou, sonhou

um grande sonho para o Brasil!

FONTE: SIDNEY NETO. *POEMAS HERÓICOS*. FORTALEZA, 1951. (POEMA PUBLICADO ORIGINALMENTE NO JORNAL *O POVO*, 1929).